



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELISIANE DA SILVA OLIVEIRA

**CLAIRE UNDERWOOD, A RAINHA DE *HOUSE OF CARDS*: A REPRESENTAÇÃO
DO FEMININO NO SERIADO AUDIOVISUAL (2013-2017)**

**GUARABIRA
2018**

ELISIANE DA SILVA OLIVEIRA

**CLAIRE UNDERWOOD, A RAINHA DE *HOUSE OF CARDS*: A REPRESENTAÇÃO
DO FEMININO NO SERIADO AUDIOVISUAL (2013-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em História.

Área de concentração: História, Literatura e
Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Elisiane da Silva.
Claire Underwood, a rainha de House of Cards
[manuscrito] : a representação do feminino no seriado
audiovisual (2013-2017) / Elisiane da Silva Oliveira. - 2018.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Representação feminina. 2. House of Cards. 3. Claire
Underwood. I. Título
21. ed. CDD 305.4

ELISIANE DA SILVA OLIVEIRA

CLAIRE UNDERWOOD, A RAINHA DE *HOUSE OF CARDS*: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO SERIADO AUDIOVISUAL (2013-2017)

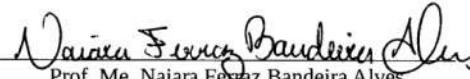
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.


Área de concentração: História, Literatura e Mídia.

Aprovada em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Naiara Fereaz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, tornando-me uma das poucas pessoas da família a ter adentrado numa Universidade e concluído o curso superior.

AGRADECIMENTOS

Nunca foi sorte, sempre foi Deus! Agradeço primeiramente a Ele, por ter me sustentado até aqui; por seu amor e bondade, que me fizeram alcançar mais uma etapa na vida.

Ao meu amado orientador Carlos Adriano, por ter me proporcionado grandes leituras, dedicação e por ter enriquecido a minha alma com seus conhecimentos. Serei eternamente grata por isso.

À minha mãe, Irene Oliveira, pelo seu carinho e compreensão.

Ao meu pai, Eliseu Francisco, por seu apoio financeiro e emocional.

Ao meu único irmão, Francisco Luciano, por ter acreditado em mim durante esses anos que se passaram.

À minha avó Maria de Lourdes, que, mesmo não estando aqui fisicamente, deu-me a coragem e determinação da qual eu tanto precisei para alcançar os meus objetivos.

À minha amiga Lindionara Henrique por ter me ajudado, de forma direta e indireta, em minha trajetória enquanto acadêmica.

Aos meus professores da UEPB, que me mostraram a arte de ensinar e contribuíram durante esses anos na minha vida. Gratidão imensa pela sabedoria perpassada.

E, finalmente, agradeço aos meus colegas de classe, pelo apoio e incentivo, além dos bons momentos que passamos a dividir em grupo. Agradeço em especial ao Ônisson Batista e ao Jaymisson Lupcinio, por me fazerem rir nos dias mais tristes e melancólicos de minha vida.

“Em tudo dai graças!”

“Não apenas vista, quero ser *significante!*”

CLAIRE UNDERWOOD

SUMÁRIO

Sumário

1 INTRODUÇÃO8

2 NETFLIX E O COMPORTAMENTO NO CONSUMO MIDIÁTICO10

3 A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM CLAIRE UNDERWOOD EM *HOUSE OF CARDS* (2013-2017)13

3.1 Claire na Presidência19

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS21

ABSTRACT23

REFERÊNCIAS24

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cena do sexto episódio mostrando a reação de Frank à sugestão de Claire.14

Figura 2: Reação de Doug à sugestão de Claire.14

Figura 3: Vestido que Claire usou no evento beneficente16

Figura 4: Entrevista de Claire à CNN no quarto episódio da segunda temporada17

Figura 5: Cena da quinta temporada, Claire como presidente dos Estados Unidos21

CLAIRE UNDERWOOD, A RAINHA DE *HOUSE OF CARDS*: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO SERIADO AUDIOVISUAL (2013-2017)¹

Elisiane da Silva Oliveira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a representação feminina a partir da personagem Claire Underwood interpretada pela atriz Robin Wright no seriado *House of Cards* (2013-2017), mostrando também a importância do enredo audiovisual e suas representações para o debate historiográfico. O seriado busca apresentar na trama entre poder/política, jogos políticos que fizeram de *House of Cards* um dos seriados mais visualizados no mundo, disponibilizado pela *Netflix*, sua exibição trouxe ao público visões mais pluralistas sobre a política em especial aos Estados Unidos, conseguindo adquirir vários prêmios e expansão. Tendo em vista as problemáticas acerca das discussões de gênero em relação ao cinema e audiovisual e até mesmo as narrativas contemporâneas, nossa intenção é apresentar como uma figura feminina vem sendo construída nos espaços de poder, como o cenário político norte-americano, cujo protagonismo é notadamente marcado pelo masculino.

Palavras-Chave: Representação feminina. *House of Cards*. Claire Underwood.

1 INTRODUÇÃO

A noção de representação a partir do conhecimento historiográfico tem sido questionada por muitos estudiosos na intenção de entender as variedades pela qual uma realidade social vem a ser construída. A observação de um imaginário que represente a condição feminina de maneira adequada, capaz de pensar nos simbolismos das personagens fictícias, na literatura e no audiovisual, nos traz aqui com o objetivo de problematizarmos as representações do feminino até então ignoradas e reproduzidas por uma abordagem machista.

Para Roger Chartier, no livro *Entre práticas e representações* (1988)³, é possível analisar uma realidade a partir da representação, entendendo-a como realidade de múltiplos sentidos, ou seja, práticas sociais que tomem o objeto de estudo por compreensão e enfatize nos seus significados, identificando o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler.

1 Este artigo apresenta elementos da pesquisa “A Rainha de House Cards: A Representação do Feminino na personagem Claire Underwood (2013-2017)”, realizada entre os anos 2017 e 2018, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira.

2 Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Email: elisiane.oliveira@gmail.com

3 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Gualhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244p

Não cabe a nós abrangermos o conceito de representação. O que nos cabe é pensarmos na construção dos discursos que envolviam o sujeito feminino de estereótipos, ocasionando uma má representação do seu papel político na sociedade. Em outras palavras, podemos apontar para o fato de que, ao pensarmos na representação feminina e a forma como esta vem se destacando no ativismo político e profissional, percebemos que muitos dos discursos empregados para a visibilidade da mesma distanciavam-se de suas finalidades originais, colocando sua relevância em segundo plano.

Há pouco, criava-se uma história que ressaltasse a importância do feminino. Sua condição na historiografia e literatura estava sempre atrelada ao lar e à família (PERROT, 2017). Recorrentes ao processo de mistificação, as mesmas eram representadas sob uma ótica machista, que as considerava seres incapazes de se apresentarem nas lideranças políticas, sendo a elas atribuídos unicamente os papéis políticos de mães e donas de casa (FRIEDAN, 1971).

Embora a personagem Claire faça parte do século XXI, ainda notamos que a presença feminina na historiografia e na literatura, enquanto escritoras ou personagens, não atinge uma média significativa, sendo quase sempre excluídas. Dito isto, nosso maior objetivo é analisar a representação da personagem Claire Underwood como ativista política no seriado *House of Cards* (2013-2017), da primeira à quinta temporada; assim como também compreender a condição feminina em busca de legitimidade nas relações de poder, identificando a igualdade de gênero no contexto audiovisual a partir da crítica feminista.

Percebe-se, então, algumas críticas sobre a forma de escrever e relatar a atuação feminina que, por vezes não esquecidas, são abandonadas, causando uma grande dificuldade em representá-las. Entre esses discursos e imagens pouco se pensava em uma história que apresentasse a mulher como sujeito histórico. Ao contrário, seus vestígios eram desfeitos com muita frequência assim como seus arquivos, destruídos.

Esse silêncio na história consequentemente ocasionou, por muito tempo, uma má representação do feminino, gerando invisibilidade e exclusão. Os esforços para garantir lugares nos espaços de poder trouxeram a participação de muitas mulheres na luta por direitos que nos faz pensar a maneira como estas adentraram na política e ganharam legitimidade.

Visando apontar o significado da lógica feminina em busca de espaço numa sociedade machista e de pensamento retrógrado, Michelle Perrot abordou as questões de gênero e a situação da mulher do século XX, em sua emergência aos espaços de poder, e como elas lutaram para que isso de fato ocorresse, aprofundando debates com temas acerca do feminismo e de suas conquistas (PERROT, 2017).

Desta feita, entende-se que a sociedade criou valores referentes ao que seria voltado ao feminino e ao masculino, privilegiando os interesses do segundo. Esse foi um dos motivos que manteve a figura feminina tão distante das relações de poder. As construções sociais, sempre as colocando nos espaços privados, proibia a sua participação na política, lugar por longo tempo reservado ao masculino (PERROT, 1988).

O gênero, por sua vez, surge como elemento que busca apreender as qualificações do ser sujeito para que sua representação política possa ser atendida. Desse modo, a diferenciação entre feminino e masculino não está relacionada somente a questões biológicas, a distinção se dá também devido a uma construção social, associada ao comportamento e ao contexto cultural em que cada pessoa está inserida (BUTLER, 2003).

Apesar da narrativa em *House of Cards* ser uma escrita proveniente do masculino ao analisarmos a participação da personagem Claire Underwood percebe-se a quebra no sexismo e estereótipos que o criador Beau Willimon e demais diretores conseguiram desconstruir no seriado. Do ponto de vista estético, pode-se afirmar que a representação da personagem foi marcante e bela, no sentido de nos fazer questionar a condição do feminino na luta por poder e visibilidade, ressaltando que as lideranças femininas são de fato extremamente importantes e representativas nas aglomerações políticas.

Procurou-se, então, observar a forma como a personagem adentra na política; enquanto evidenciamos também seu papel político como esposa, diretora da CWI, vice-presidente e a trajetória até tornar-se, de fato, presidente dos Estados Unidos. Para isso, é imprescindível um recorte em cenas que mostrem as variações da personagem em diversos momentos registrados da primeira à quinta temporada.

Para tanto, ao analisarmos a personagem, destacamos sua participação na política, questionando a importância da igualdade de gênero para o ativismo político, assim como as contribuições para os debates literários e cinematográficos.

2 NETFLIX E O COMPORTAMENTO NO CONSUMO MIDIÁTICO

A hipótese de que os recursos midiáticos estão em evidência visa compreender como as narrativas seriadas estão sendo apresentadas, pois, segundo Chartier (1988), a forma como os grupos vêm se apropriando da representação é o que tem possibilitado várias construções no modo de perceber o mundo.

As séries, por sua vez, têm permitido ao espectador um contato maior com as personagens e com a “realidade”. No entanto, quando apontamos para a representação feminina, percebemos que algumas produções midiáticas não têm priorizado o feminino como agente de mudança social possível pela arte.

Tendo em vista a falta de participação feminina na televisão e no audiovisual, *House of Cards* tem conseguido se destacar graças à ênfase dada às mulheres no desenrolar de suas tramas. O elenco conta com uma presença significativa do feminino. Há uma média relevante de produtoras executivas, onde Robin Wright é uma das atrizes que tem se destacado como realizadora de alguns episódios do seriado.

Essas características e liberdade no formato televisivo das narrativas seriadas, provavelmente é o que tem feito de *House of Cards* um dos produtos audiovisuais mais prestigiados no mundo. Pensando ainda no ambiente de possibilidades e modificações que a empresa Netflix tem proporcionado às narrativas seriadas, ela não apenas nos serve como base, mas também participa desse modelo de ressignificação dos conteúdos apresentados.

Com o advento das novas mídias e o avanço da tecnologia, a utilização dos recursos midiáticos tornou a informação muito mais acessível. A forma como a apropriação e reprodução do conteúdo audiovisual tem se destacado levanta o questionamento sobre os meios estratégicos utilizados por cada serviço, seja ele por assinatura, canais fechados ou sob demanda.

O fato é que a distinção entre as novas mídias e as mídias tradicionais tem repercutido sobre a conexão entre produtor e consumidor, como é o caso do serviço de *streaming* Netflix, que vem se expandido na internet com uma grande produção midiática.

A convergência está alterando a forma de consumo da obra audiovisual, que sai dos meios de comunicação massivo, que obedecem a lógica do fluxo e caminha em direção aos servidores ou mídias de bancos de dados. Netflix, Youtube, Net Now, Apple Tv, entre outros. Atente-se, portanto, para a necessidade de adequação de conteúdos para as formas emergentes de fruição (AFFINI; CAZANI, 2015, p.10).

Nota-se que os elementos da linguagem audiovisual têm procurado manter o espectador e o público atento a suas produções. No caso da Netflix, essa necessidade tende a ser muito maior, pois conquistar o público é conquistar os assinantes da empresa. Uma visão, por sinal, bastante lucrativa. É por isso que a Netflix atualmente tem investido mais em conteúdos originais, que aumentam a relevância das narrativas seriadas para o consumo midiático.

A empresa⁴ surgiu em meados de 1997, como um site online para locação de filmes e DVDs. Os Engenheiros Reed Hastings e Marc Randolph, que atuavam na área da tecnologia, foram os responsáveis por fundar a Netflix. Em seu início, o conteúdo era disponibilizado apenas nos Estados Unidos.

A consolidação da empresa veio quando a plataforma adotou o serviço de *streaming*, passando a disponibilizar, por meio de assinaturas mensais a preço fixo, filmes, séries, documentários e outros produtos audiovisuais. Em 2007 os assinantes já podiam assistir os títulos em seus computadores e outras vias semelhantes. Assim, com o início da transmissão online, o número de usuários chegou a 20 milhões, expandindo seu território pela América Latina e pelo norte da Europa. Em 2017, a Netflix contava com 104 milhões de assinantes, espalhados ao redor do mundo, abrangendo cerca de 190 países com milhares de conteúdos distribuídos por dia.

Nesse ambiente da convergência midiática entre TV e internet, o usuário pode assistir uma série televisiva por qualquer meio de comunicação. A Netflix, por sua vez, tem conseguido desenvolver mecanismos que rompem com o modelo tradicional de televisão através de uma prática conhecida por *binge watching*.

Trata-se de disponibilizar, de uma única vez, todos os episódios de uma série, fugindo das estruturas tradicionais como HBO. A iniciativa foi tomada pela Netflix ao lançar, em 2013, sua primeira produção original, *House of Cards*.⁵

A plataforma vem competindo com o mercado audiovisual e tem proporcionado mais conteúdos originais e exclusivos com a mesma tática utilizada em *House of Cards*; aumentando a expectativa dos fãs que, ao contrário de esperar aos poucos pelo conteúdo, consegue maratona a temporada inteira com a estratégia do “assistir compulsivamente”, o *binge watching*.

Estrelada por Kevin Spacey e Robin Wright, *House of Cards* é uma adaptação da trilogia de Michael Dobbs, produzida pelo serviço de *streaming* Netflix. Esse *remake* costuma ser considerado um dos dramas políticos mais bem elaborados da atualidade. A série foi premiada no ano de sua estreia, pelo Emmy, como tendo melhor direção, designer e elenco. Criada por Beau Willimon, foi também a primeira produção da Netflix a ter várias indicações como série dramática. Atualmente, o seriado encontra-se na sexta temporada, todas compostas por 13 episódios de aproximadamente 50 minutos cada. A primeira delas estreou em fevereiro de 2013.

4 Sobre Netflix: <https://media.netflix.com/en/about-netflix>

Netflix. Como funciona Netflix? Disponível em: <http://help.netflix.com/pt/node/412>

5 Seriado Britânico que teve uma nova adaptação americana como conteúdo original Netflix.

A narrativa tem como centro a cidade de Washington, onde o personagem Frank Underwood, interpretado por Kevin Spacey, apresenta-se como um político inescrupuloso em incansável busca pelo poder, disposto a tudo para alcançá-lo, juntamente com sua esposa Claire Underwood (Robin Wright). Esta, assim como o marido, encara uma luta diária, mostrando que sua ambição também é a de conquistar territórios políticos.

A narrativa seriada em *House of Cards* contemplou diversos significados, os apartes, a participação das personagens, a quebra da quarta parede e o uso de elipses como elementos cinematográficos que possibilitaram um envolvimento maior entre o espectador e a ficção.

3 A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM CLAIRE UNDERWOOD EM *HOUSE OF CARDS* (2013-2017)

Inicialmente, o enredo do seriado nos mostra como a personagem Claire Underwood se apresenta enquanto esposa de um político. *House of Cards* deixa claro que não existem rótulos para a personagem, que sua construção vai muito além disso. Nela, percebemos uma relação muito objetiva com o poder. Claire carrega uma ambição muito forte dentro de si, e não é diferente quando coloca suas decisões em prática. Tal objetivo é identificável no sexto episódio da primeira temporada.

Na luta contra Martin Spinella (Al Sapienza) pelo fim da greve dos professores, o ambicioso Frank Underwood tenta montar um plano com seu assistente, Doug Stamper (Michael Kelly), para pôr fim à reforma proposta por Spinella. “Precisamos de algo que torne o Spinella um vilão”, diz Francis a Stamper. Depois de várias tentativas, Claire aparece no cenário dizendo: “Mão-de-obra desorganizada”. Assim, entre 8 minutos de cena o espectador presencia a forte expressão nos olhares das personagens, surpreendidas com Claire que, ao citar isso, consegue solucionar o jogo do Frank. Logo após todos os jornais e canais de tevê passam a exibir a mensagem sugerida.



Figura 1: Cena do sexto episódio mostrando a reação de Frank à sugestão de Claire.



Figura 2: Reação de Doug à sugestão de Claire.

O mesmo acontece na área profissional, onde a personagem também põe suas ideias em prática. A partir do trabalho como diretora de uma ONG ambiental, a CWI (Clean Water Initiative), ela consegue transmitir segurança naquilo que faz. Quando se trata de seus interesses, Claire nunca é contrariada, nem mesmo por Frank. Seus objetivos estão acima de tudo e de todos.

É interessante observar como, em uma breve aparição, a personagem consegue mostrar seu desempenho e sua desenvoltura em questões públicas e políticas; quebrando a visão estereotipada de que o sujeito feminino é incapaz e frágil nos exercícios de poder, limitando-o à vida privada e sua reprodução.

A representação de poder na personagem fica ainda mais evidente no cenário exibido no décimo episódio da primeira temporada (20 minutos), quando Claire decide aceitar a ajuda

para CWI vinda do lobista Remy Danton, pela Sancorp (empresa fornecedora de gás natural). Essa ajuda acaba interferindo no novo projeto de lei que Claire vinha desenvolvendo com uma equipe na Casa Branca, sobre a bacia hidrográfica, que visava gerar novos empregos para a população da Pensilvânia e assim favorecer a campanha do deputado e concorrente a governador Peter Russo (Corey Stoll).

Contudo, as mudanças de Claire intervêm no combinado, com o esposo Frank ficando encarregada de convencer os dois últimos políticos a votarem no novo projeto, o qual não tem sucesso, pois a personagem prefere colocar os seus objetivos em primeiro lugar, aceitando o apoio de Remy Danton na tentativa de dar assistência a CWI nos problemas do Sudão. Nesse momento, nos deparamos com uma figura feminina decidida e determinada a lidar com quaisquer situações.

A narrativa seriada de *House of Cards*, que nas primeiras temporadas apresenta a personagem como esposa e primeira dama, mostra aos telespectadores que Claire é tão ambiciosa quanto o marido: “Não vejo a hora da minha vida fazer sentido”, “Não apenas vista, quero ser significativa”. Essas frases, presentes no décimo episódio da primeira temporada (08-45 minutos), em um breve diálogo com o amante Adam Galloway (Ben Daniels), carrega a força do feminino na busca por visibilidade e legitimidade entre as relações de gênero na sociedade que possam favorecer o papel feminino na política, na História, assim como na comunicação audiovisual.

Pensando ainda na condição feminina e nas maneiras como as representações no audiovisual têm correspondido a discursos fora da realidade, encontram-se, na personagem e na narrativa seriada, elementos que a tornam visível, motivos que evidenciam sua relação com o poder, como o próprio figurino da personagem.

O figurinista da primeira temporada, Tom Broecker, projetou uma vestimenta que marca a presença de Claire como uma figura feminina que almeja crescer, mas acima de tudo tornar-se importante. Sob um olhar construtivo em relação ao figurino da personagem, nós podemos afirmar que suas roupas estão realçando um sentido de proteção, já que, mais do que ninguém, a personagem está em busca de poder, e tudo deve ser muito bem calculado.

Atento a essas questões, o figurinista projetou uma vestimenta que marcou a presença de Claire com uma aparência de poder, evidenciada como uma nítida Rainha, sendo até mesmo comparada a lady Macbeth. Esta também incentiva o marido a seguir em frente com seus planos impiedosos em busca de domínios e autoridades, aproximando-se da personagem Claire e seu desejo profundo pelo poder na política norte-americana.

No décimo primeiro episódio da primeira temporada, tem-se quinze minutos de cena em que se presencia um rápido diálogo entre a jornalista Zoe Barnes (Kate Mara) e Frank, tentando estabelecer um novo ciclo de envolvimentos. Ela decide, então, provar um vestido de Claire: “Esse foi o vestido que Claire usou no evento beneficente, ele parece de aço”, afirma a jornalista, enquanto olha atentamente no espelho.

Essa discussão sobre a vestimenta das personagens passa a simbolizar, para o espectador e até mesmo leitor, uma característica de autenticidade, destacando-se a partir das cores, gestos e sensações, um dos elementos audiovisuais mais bem elaborados no cinema, teatro e afins, pois “é necessário admitir que o vestuário é aquilo que está mais próximo do indivíduo, aquilo que, unindo-se à sua forma, o embeleza, ou pelo contrário, distingue e confirma sua personalidade” (MARTIN, 2005, p.76).



Figura 3: Vestido que Claire usou no evento beneficente

No caso da personagem Claire Underwood, nota-se essa característica como símbolo de proteção, ao aparecer da frase “ele parece de aço”. Acredita-se que a jornalista Zoe Barnes (Kate Mara) faz menção à competitividade do trabalho, da política e das relações de poder, num ambiente que ainda é visto como lugar do masculino. A necessidade de um vestido como “armadura” é fundamental para as batalhas diárias que a personagem tende a enfrentar.

Na passagem da primeira à segunda temporada, quando Frank Underwood torna-se vice-presidente, Claire continua com os seus planos. Agora como primeira dama, a personagem fica atenta aos eventos relacionados à Casa Branca.

Numa das cenas mais marcantes, no quarto episódio da segunda temporada, presencia-se uma entrevista de Claire à CNN. A personagem vai disposta a enfrentar perguntas bem invasivas, como a opção de não ter filhos, aborto e sua relação com o casamento. A entrevistadora, Ashleigh, inicia perguntando sobre sua família e infância, em seguida questiona sobre o aborto e, quando Claire começa a ficar sem respostas, a personagem toma a iniciativa, tocando num assunto polêmico: violência sexual. Ela explica sua experiência do tempo em que foi assediada pelo general Dalton McGinnis, interpretado por Peter Bradbury, e, com isso, novos casos de violência sexual são descobertos.



Figura 4: Entrevista de Claire à CNN no quarto episódio da segunda temporada

Ainda na cena supracitada, ela conta sobre o motivo do aborto a partir do abuso sofrido e, com essa atitude, Claire Underwood fica à frente de um movimento político em favor da mulher e contra a violência sexual, liderando com outras mulheres ativistas, inclusive a primeira dama dos Estados Unidos, Patrícia Walker, personagem interpretada por Joanna Going.

Numa sociedade ainda de pensamento machista, é notável uma exclusão no espaço da política e da arte em relação ao feminino, que o torna inferior e constrói discursos representados sob uma ótica machista. Observando a personagem Claire e sua relação enquanto esposa de um político, a necessidade de se provar publicamente como um casal de ativistas requer a consciência de que um escândalo seria fatal para a carreira política deles. Nesse sentido a coragem da personagem é expressa de forma nítida no seriado.

Considerando a participação da personagem como presidente dos Estados Unidos em *House of Cards*, a importância de representá-la também enquanto esposa é essencial, no sentido que nos faz perceber pontos do feminismo na narrativa seriada.

Desde a segunda temporada, a personagem deixou claro ao público sua decisão sobre não ter filhos. Numa perspectiva do senso comum, alega-se uma imagem distorcida de que o

lugar do feminino deveria ser preenchido apenas nos espaços privados, ou seja, no lar, cuidando dos filhos. Essa construção conseqüentemente passa a refletir ainda hoje, causando uma história fragmentada em relação à participação do feminino na sociedade, deixando-o nos lugares onde seus testemunhos são facilmente apagados.

Vale ressaltar que essa problemática se insere a partir da falsa imagem distorcida pelo conceito de fragilidade feminina transmitido na sociedade patriarcal, e que os meios de comunicação visual também são responsáveis pela sociabilização de recursos e imagens estereotipadas, como aponta Flávia Biroli em *Mulher, política e poder*:

Os estereótipos podem assim ser compreendidos como parte da dinâmica social de definição dos papéis. Correspondem ao perfil de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter. (Goffman, [1963]2008, p. 61). Não é possível entendê-los, portanto, como originários da mídia ou das formas de sociabilidade reorganizadas pelo advento dos meios técnicos de difusão massiva; mas sua presença no discurso midiático pode colaborar para seu impacto e permanência. (BIROLI, 2011. p. 127-128 apud GOFFMAN)

A preocupação do seriado *House of Cards* passa, assim, a questionar os embates acerca do feminino, da igualdade e das relações de poder entre os gêneros. Contribui-se, desta maneira, para uma imagem onde o espaço feminino ganha força e legitimidade; destacando a luta e reconhecimento por mais liberdade e autonomia nas relações sociais, políticas e econômicas que aumentem a representatividade feminina e promovam a igualdade entre as minorias.

Por um lado, temos uma visão de sociedade construída para se pensar sobre a fragilidade feminina. Em outro momento, *House of Cards* nos provoca colocando a personagem no lugar dos afetos. Com o casamento distante, a relação com Frank, seu maior cúmplice, gera o receio de que os planos alcançados desmoronem, o que faz com que as personagens fiquem mais atentas e envolvidas aos sentimentos.

Na terceira temporada, em Moscou (Rússia), a iniciativa de falar sobre a morte do americano Michael Corrigan (Christian Camargo), preso por fazer movimentos LGBTs, leva a personagem a lutar contra o modelo de governo da Rússia, denunciando em rede nacional o motivo que o levou a cometer suicídio.

O sexto episódio da terceira temporada, nos 45 minutos de cena, mostra o exato momento em que a personagem decide se pronunciar sobre o ocorrido. Intimidada pelos olhares masculinos dos dois presidentes, Frank e o russo Viktor Petrove (Lars Mikkelsen), a personagem, que atua como embaixadora, comenta o que levou Corrigan ao suicídio, criticando o governo da Rússia e as medidas tomadas a respeito dos homossexuais. “Se não fosse pela lei injusta, a ignorância e intolerância do seu governo, Michael ainda estaria vivo hoje. Deveria se

envergonhar, senhor Presidente”, diz Claire. Embora intimidada a não se pronunciar desta maneira, ela sente que não seria o correto a se fazer no momento, afetando ainda mais sua relação pessoal com Frank, de modo a ocasionar um afastamento entre o casal que durará até a quarta temporada. No entanto segura de si e determinada, a personagem continua, mais disposta a lidar com as situações que surgem no seu caminho e que tentam atrapalhar os seus planos de alcançar mais poder.

3.1 Claire na Presidência

Problematizando a forma como o feminino vem ganhando espaço na política, consta-se a existência de uma luta pela sua representatividade, que requer ainda muitos esforços para que mudanças teóricas possam ser analisadas e construídas na intenção de fornecer uma política de visibilidade às mulheres, em especial às negras e às minorias como um todo.

A pouca representação da mulher na vida política, que já é um dado histórico, e seu estado subordinado na economia, na sociedade e na família provavelmente não mudarão se não se expandir (e muito) uma representação política efetivamente pluralista e se a participação das cidadãs na construção de políticas públicas permanecer limitada (MATOS, 2011, p.9).

Friedan (1971) afirma que, sem dúvidas, na segunda metade do século XX as mulheres americanas não estavam interessadas em política. Possuíam o direito de voto, mas não sonhavam em se apresentarem como candidatas.

O processo que levou à inscrição legal da mulher como eleitora ou candidata foi muito em quase todas as nações. As emendas para a concessão do voto feminino, não raro, foram apresentadas mais de uma vez, e em espaços de tempos distantes, antes de receber aprovação (PRÁ, 2011, p. 105).

Nesse sentido, o feminismo teve seu papel decisivo na emergência da história das mulheres, não apenas como um campo do saber, mas em reformas teóricas de representação coletivas igualmente necessárias.

Em culturas onde os valores conservadores se encontram arraigados, a crítica feminista tenta estabelecer um pensamento que legitime a presença feminina, propondo um sentimento de liberdade em que a teoria política também possa ser revista e complementada.

Assim, a ausência de mais participação feminina no âmbito político ainda é muito forte. Mesmo com cotas e leis, entre outros recursos, a falta de representação feminina continua, e

não mudará se as medidas públicas e políticas não forem revistas e reavaliadas, de modo a favorecer amplitude para o espaço feminino.

Pois é na luta pela visibilidade que o feminismo surge como papel decisivo às transformações sociais e fortalecimento da condição feminina, ampliando seus direitos e marcando sua emergência na história e nas relações de poder (RAGO, 2012).

De início representada como esposa e primeira dama, Claire se direciona aos objetivos de Frank, pois, através dele, seus benefícios individuais são concretizados. O distanciamento do casal, contudo, não interfere nos planos de Claire, que segue determinada na quarta temporada, tendo como alvo sua garantia no poder.

O percurso de Claire Underwood leva a personagem a um passo bastante importante nessa temporada. As problemáticas no casamento continuam afetando a relação com Frank, mas, apesar disso, o casal vive em paralelos distintos, cada um com seus objetivos, lutando para construir algo juntos e assim deixarem seu legado.

Da mesma forma, a relação da personagem com a mãe, Elisabeth Hale (Ellen Bustryn), que não se encontrava muito bem, apresenta nesta quarta temporada um momento conturbado, cheio de esperança para as personagens no geral, jornalistas, fotógrafos, lobistas... Essa temporada marca um tempo decisivo inclusive para Claire, que não deixa para traz suas jogadas na política.

Depois da morte de sua mãe, Claire decide voltar aos antigos planos que tinha com Frank, unindo-se ao mesmo na campanha do ano de 2016, concorrendo à vice-presidência. Por ser uma série de poder, o espectador presencia o desejo de suas personagens fictícias em crescer, para ganhar espaço na política norte-americana e no âmbito profissional.

Quase perdendo o jogo, Frank deixa que Claire tome as decisões sérias do país, enquanto os líderes da Câmara calculam o total de votos de algumas regiões para que o novo presidente assumisse, neste caso Frank (Kevin Spacey) ou Conway (Joel Kinnaman). Em suma, mais uma das cartas jogadas pelo casal Underwood para conseguirem votos e alcançarem a liderança da Casa Branca em eleições que já se aproximavam. No entanto, Claire mostrou-se capaz e eficaz de, enquanto mulher, conseguir seus objetivos, ganhando mais popularidade que outros da Casa Branca, saindo do cargo de diretora da CWI (Clean Water Initiative) até alcançar a Presidência dos Estados Unidos, evento esse registrado no sexto episódio da quinta temporada.

Desde o início do seriado, como apenas a esposa de um político, Claire já havia sido construída para ser tão poderosa quanto seu marido, o presidente dos Estados Unidos. A reviravolta que os roteiristas fizeram surpreenderam o espectador com a ascensão de Claire ao poder na quinta temporada. Afinal, quem mais poderia ser tão esperto a ponto de retirar um

sociopata do lugar, senão sua maior cúmplice e companheira Claire? “Admita, isto é o que você quer, você já disse isso antes, que essa é a sua fase final”, diz Frank, olhando para a esposa enquanto renuncia sua candidatura como presidente, no décimo terceiro episódio, aos 17 minutos de cena. Abrindo completamente as oportunidades para a personagem, que finaliza a temporada dizendo: “Agora somos iguais, Francis. Minha vez”.



Figura 5: Cena da quinta temporada, Claire como presidente dos Estados Unidos

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos por muito tempo uma política do esquecimento em relação ao feminino, tanto na historiografia quanto nos debates teóricos de diversas áreas do conhecimento vinculadas às humanidades, tornando-se perceptível esta ausência na escrita da História, mantendo as mulheres isoladas principalmente dos espaços de poder, pois, como nos diz Peter Burke:

A História deste campo não requer somente uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que leve em conta ao mesmo tempo a posição variável das mulheres na História, o movimento feminista e a disciplina de História (BURKE, 1992, p.65).

Falar do feminino na Historiografia, então, equivale a tentar reparar, em parte, essa exclusão, uma vez que a busca por traços de gênero e igualdade em domínio sempre reservado ao masculino era tarefa difícil. Com isso, deve-se muito ao movimento feminista e à forma como ele se expressou na década de 1960, quando muitas destas mulheres se mobilizaram pelos

seus direitos e interesses, propagando um mundo mais justo e honesto, fazendo avançar na percepção a complexidade dos problemas sociais existentes.

As transformações sociais que o feminismo desencadeou possibilitaram o acesso de muitas mulheres na política e no trabalho. Os direitos conquistados ao longo da história marcaram assim sua entrada na sociedade, com novas práticas de visibilidade nas relações públicas, econômicas e políticas. É necessário avançar para uma história que seja capaz de perceber a realidade social e que tenha como visão uma ótica que conte com a diversidade de sujeitos, abrindo espaço para a participação destes (RAGO, 2012).

Considerando a representação da personagem em junção política e no espaço econômico é dar inteligibilidade e atributos ao papel cultural do ser enquanto feminino, revelando a essência de sua identidade. Com isso, acredita-se que a personagem representa a força de muitas mulheres contemporâneas, e a maneira como os criadores do seriado *House of Cards* recorreram na elaboração da personagem possibilitou essa construção de representação feminina.

Analisar a representação da personagem Claire Underwood nos mostra que existe uma sub-representação feminina, a qual dificulta sua entrada nas relações de poder. Os seriados, desta forma, na maioria das vezes têm contribuído para uma visão estereotipada que não condiz com a realidade.

Assim, este artigo procurou destacar o cenário de segregação na política e em outros espaços públicos, problematizando a trajetória difícil com que o feminino tem se deparado. Optou-se também em mostrar a maneira como o feminino vem sendo representado, seja na literatura, na História e nas relações de poder, considerando a existência de uma sub-representação feminina que dificulta o acesso de mulheres na política, a partir de uma visão estereotipada que não visa a representatividade feminina e exclui a ideia de igualdade de gênero.

Desta feita, o seriado *House of Cards* se encaixa aqui como recurso midiático que visa a importância do feminino na política. Embora os estereótipos sejam muito fortes e repercutam frequentemente na mídia, a participação feminina em todas as temporadas do seriado se torna bastante relevante.

A luta e os esforços da personagem Claire Underwood no seriado passam assim a mostrar a realidade do feminino na busca pela sua representação, que o legitime de forma igualitária na sociedade, pois é a partir da ação, da arte e da performance nas câmeras que se constroem significados com sentido de realidade. No entanto, apesar de um posicionamento visual feminista, as interpretações de um fato social podem desempenhar conhecimentos diferentes ao espectador. Mas a questão posta até então foi a de pensar como os significados são construídos e representados no seriado audiovisual.

O feminismo, por sua vez, possibilitou novas formas de se perceber o mundo, a exemplo do ocorrido na cultura visual, que adquiriu um conhecimento diferente partindo da crítica feminista, que reafirma pontos de denúncias ao sistema ideológico, racista, e sexista evidenciados principalmente nas relações de poder.

Conclui-se ressaltando a importância de trabalhar questões de gênero e igualdade na História e no audiovisual, que, devido a problemáticas como a forma de escrever e de representar o feminino, fizeram muitas ideias contrárias surgirem, mostrando como a invisibilidade na política em relação aos espaços femininos são impostos; discursos ultrapassados que representam a mulher como incapaz de assumir cargos ligados à política e às relações de poder.

Com essa visão, ressaltamos a importância do feminismo para a cultura visual, trazendo uma representação diferenciada de como a igualdade de gênero pode ser utilizada na desconstrução de estereótipos no seriado audiovisual.

ABSTRACT

This study aims to analyze the feminine representation through Claire Underwood, a character portrayed by the actress Robin Wright on the web television series "House of Cards" (2013-2017), while also showing the importance of audio-visual plot and its representations to the historiographic discussion. The series seeks to exhibit in the plot between power and politics, political maneuvering that made House of Cards one of the most viewed series in the world, made available by Netflix, its exhibition brought to the public deeper and varied approaches on politics, specially those related to the United States of America, receiving several awards and expansion. Owing to problematics about gender issues related to cinema and audio-visual elements, and even contemporary narratives, our intention is to show how a female figure has been built into positions of power, like the north-american political scene, which is notoriously protagonized by the masculine.

Keywords: Feminine representation. Claire Underwood. *House of Cards*.

REFERÊNCIAS

- AFFINI, Leticia Passos; CAZANI JÚNIOR, Luís Henrique. A interatividade: do melodrama à narrativa audiovisual sob demanda. *Razon y Palabra*. Primera Revista Eletrónica em Iberoamérica, 2015.
- ARAB, Analú. Tendências e perspectivas da narrativa ficcional seriada na convergência midiática. *Revista Universitária do Audiovisual*, 2014.
- ARAÚJO, Bruno Vinelli; SILVA BARRETO, Marcel Vieira. A ascensão de Frank Underwood por meio do seu arco narrativo na primeira temporada de *House of Cards*. *Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. São Paulo, 2016.
- ARAÚJO, Glauco Ludwing; DOURADO, Ivan Penteado; SOUZA, Vinicius Rauber. *Poder e sociedade no castelo de cartas: teoria política em House of Cards*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2016.
- BIROLI, Flávia. Mulheres e política na mídia brasileira: estereótipos de gênero e marginalidade do "feminino" na política. In: PAIVA, Denise (org). *Mulheres, política e poder*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 127-159. (Fundação de apoio à pesquisa do estado de Goiás)
- BONETTI, Aline; SOUZA, Maria Freire de Lima. *Gênero, mulheres e feminismos*. (org: Salvador, EDUFBA:NEIM, 2011, 346 p).
- BRAITH, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas/org: Trad. Magda Lopes*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica)
- _____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004, 270p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLANO, Mayka; MEYMARIDIS, Melina. Netflix, discursos de distinção e os novos modelos de produção televisiva. *Comunicação e Cultura*, v. 14, n. 2, p.193-299, maio/ago. 2016.
- CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração de representação*. Trad. André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. Dourados: Fronteiras, 2011.
- _____. *O mundo como representação: estudos avançados*. Trad. Andréa Dahar e Zenir Campos Reis. 1991.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Gualhardo. Lisboa: Difusão, 1988, 244p.

DUARTE, Constância Lima; SCARPELI, Marli Fantini. *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Rio de Janeiro: Vozes Limitadas, 1971: Áurea B. Weissenberg, RJ-Brasil.

HERMAN, Leticia. A convergência midiática e as mudanças comportamentais no consumo do mercado de nicho: Netflix e a “desmaterialização” dos produtos. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*. v. 11, n. 22, 2012.

MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca. *Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica*. Revisão das Traduções: Ana Maria Chaves, 2011.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Trad. Lauro Antônio e Maria Eduarda Colares. Dina livros, 2005.

MATOS, Marlise. A sub-representação política das mulheres na chave de sua subteorização na ciência política. In: PAIVA, Denise (org). *Mulheres, política e poder*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 9-53. (Fundação de apoio à pesquisa do estado de Goiás).

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha História das mulheres*. 2. ed. Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2017.

PRÁ, Jussara Reis. Reflexões sobre gênero: mulheres e política. In: PAIVA, Denise (org). *Mulheres, política e poder*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 101-127. (Fundação de apoio à pesquisa do estado de Goiás).

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e História*. Editora CNT-Compostela, agosto de 2012.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 1989.

SOIHETE, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2007.

TESCHE, Adayr. Gênero e Regime escópico na ficção seriada televisual. *INTERCOM*, 2005.

TILLY, Louise Audino. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. Trad. Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu*, 1994: pp: 29-62.

Sobre Netflix: <https://media.netflix.com/en/about-netflix>

NETFLIX. *Como funciona o Netflix?* Disponível em:
<https://help.netflix.com/pt/node/412>. Acesso em: 02 abr. 2018.